

por amor a madalena
lara fresco

PLAYLIST



Just Breath — Pearl Jam

Dear God — Avenged Sevenfold

Minha Mãe — Zeca Afonso (versão interpretada na Serenata Monumental da Queima das Fitas de Coimbra de 2013)

Vida Tão Estranha — Rodrigo Leão (versão interpretada pela Estudantina Universitária de Coimbra)

Assim Mesmo É Que É — Estudantina Universitária de Coimbra

Hoy — Gloria Estefan (versão interpretada pela Tuna de Engenharia da Universidade do Porto)

Madalena — Estudantina Universitária de Coimbra

Balada de Despedida do 5.º Ano Jurídico 88/89 — Rui Lucas, António Vicente e João Paulo Sousa

In My Veins — Andrew Belle

The Night We Met — Lord Huron

Next To Me — Imagine Dragons

The Loneliest — Måneskin

Breathe (2 AM) — Anna Nalick

Don't Worry About Me — Frances

Que o Amor Te Salve Nesta Noite Escura — Pedro Abrunhosa
com Sara Correia

*Para o meu Avô Quim e para a minha Avó Lulu,
que me ensinaram que o medo é o melhor amigo do azar,
e que isso só se enfrenta seguindo em frente.*

PRÓLOGO



Os dias que mudam o rumo das nossas vidas são iguais a todos os outros. Descobri isso no dia em que os meus pais morreram, no dia em que comecei a namorar com o Bernardo e no dia em que ele me agrediu pela primeira vez.

Todos esses dias começam habitualmente da mesma forma, o Sol parece-nos o mesmo, o chilrear dos passarinhos soa igual, acordamos e achamos sempre que será apenas mais um dia, mas é a forma como eles terminam que dita as mudanças que terão impacto para o resto da nossa vida, boas ou más.

Foi no dia em que ele me agrediu pela primeira vez que senti que já nada seria como dantes, quando senti o toque da bofetada na minha face, quando senti o ardor nos olhos, e as lágrimas que escorreram contra a minha vontade, quando senti a petrificação do meu corpo, os movimentos que não fiz, as palavras que não me saíram. E depois vieram as desculpas, os lamentos — os dele, o «eu não queria fazer isto», «não vai voltar a acontecer»... E eu acreditei, sempre.

Nunca queremos acreditar que um amor bonito se pode tornar em algo feio, que se pode tornar num círculo vicioso do qual não conseguimos sair, quase como se, para isso, precisássemos de uma espécie de intervenção. Vi tantas vezes notícias na televisão sobre violência doméstica, opinei sempre, pensei «Porque é que ela não saiu de casa?», e aqui estou eu, feita hipócrita, sentada na sanita a pensar em todas as razões pelas quais devo continuar esta relação.

O Bernardo não era assim no início do namoro. Estamos juntos há mais de cinco anos, contudo só desde há dois é que ele começou a ter estes acessos

de fúria. Eu culpo-me a mim, à rotina e a Coimbra, porque tudo piorou desde que viemos para a faculdade. Apesar de, às vezes, ter vontade de ripostar, nunca tive a coragem de o fazer, nunca respondi, porque ele, na maior parte dos dias, ainda é o rapaz de dezasseis anos por quem me apaixonei, inseguro, com poucos amigos, solitário. A vida universitária teve um grande impacto na nossa relação e em nós enquanto indivíduos; ele, desde que entrou em Direito que notava mais a dificuldade que tinha em fazer amigos, o que o frustrava. Apesar de a Tertúlia o ter ajudado muito a conhecer pessoas, isso não se transformou em novas amizades e, todos os dias, quando vinha das aulas ou dos poucos convívios a que ia, havia lamentos e críticas sobre tudo aquilo que o tinha rodeado durante o dia. Já eu, desde que tinha entrado em Medicina, que sentia mais vontade de conviver com outras pessoas e explorar mais esta cidade.

Costumo dizer que as maiores mudanças que a minha vida sofreu, foram aqui, em Coimbra. Acho até irónico eu ser tão mal-amada naquela que também é conhecida pela Cidade dos Amores. Tento agarrar-me a todas as coisas boas que Coimbra me deu a possibilidade de fazer e de descobrir.

O Bernardo era o meu passado, o meu presente e o meu futuro — até ele me bater pela primeira vez, e até a minha vida dar uma reviravolta total.

PASSADO



Começar o primeiro dia de aulas do 10.º ano a perder o autocarro, foi o presságio que recebi logo de manhã a avisar que aquele dia iria ser bem longo. Logo eu que detestava dar nas vistas, iria chegar atrasada à primeira aula, numa escola completamente diferente e numa turma onde apenas conheço uma pessoa. Incrível!

— Pai, preciso que me venhas buscar e que me leves à escola... Acabei de perder o autocarro! — disse eu o mais rápido que pude, para não levar o raspante que já sabia que se adivinhava por ter adormecido logo no primeiro dia de aulas.

— A tua sorte foi que ainda não tinha saído para o hospital, Mada! — sossega-me o meu pai.

Ele é médico no Centro Hospitalar de Gaia e Espinho: é cardiologista. A minha mãe também é médica, mas trabalha no Centro de Saúde de Valadares, entrou no Curso de Medicina a sonhar ser médica de família, e assim foi — escusado será dizer que se conheceram lá.

Passados dez minutos, o carro do meu pai para junto da paragem de autocarro onde estou e arranca rumo à minha nova escola. O nervoso miudinho cresce na minha barriga à medida que nos aproximamos de lá; quase que já me esquecia do bom que é esta sensação, mas, ao mesmo tempo, a ansiedade que provoca.

Escolhi Ciências e Tecnologias porque desejo, desde pequena, ser médica como os meus pais: brincava com os estetoscópios deles, auscultando as minhas bonecas, sempre que podia. Vibro com as histórias que eles contam e sempre desejei ajudar os outros e saber que tive um impacto positivo na vida de outra pessoa. Mas não quero ser apenas médica de Clínica Geral ou de uma outra especialidade qualquer. Sei o que quero: ser psiquiatra!

A viagem da paragem à porta da escola é mais curta do que esperava e, em menos de nada, chegamos. É a voz do meu pai que me desperta do meu transe:

— Estás entregue, Mada! Faz um esforço por te dares a conhecer aos teus colegas, pode ser? E nada de medos, vais adorar esta fase! — diz-me, sorrindo.

— Obrigada, papá. Já só te vejo amanhã, não é?

— Sim, mas, logo, quero saber como correu o teu primeiro dia! Manda-me mensagem, *OK*?

Aceno que sim e sorrio-lhe. Abro a porta e encaro o portão e a multidão de adolescentes que há para lá dele. Aqui vamos nós. Ligo depressa à Ana, que foi a minha única amiga a ficar colocada na mesma turma que eu, e tento que ela seja a minha boia de salvação.

— Madalena, finalmente! Onde te meteste? Já estamos à porta da sala, para entrar para a aula, despacha-te!

— Eu sei! Adormeci e perdi o autocarro, tive de pedir boleia ao meu pai, mas acho que estou mesmo a chegar!

Apresso o passo e tento chegar o mais rápido possível. Pobre de mim se entrasse na sala quando já todos estivessem sentados e passasse pela vergonha de ter todos os olhos postos em mim! A minha sorte foi que já tinha vindo fazer algumas visitas à escola com a Ana e com as nossas mães, o que me deu uma noção geral de onde eram as salas de aula e outros locais estratégicos onde poderia precisar de ir. Quando vi o seu cabelo ruivo ao longe, sabia que estava no sítio certo, vantagens de não haver mais ninguém com o cabelo com uma tonalidade tão laranja quanto o da Ana. Isto devia-se à sua ascendência britânica, que a fazia destacar-se em todo o lado por onde passava.

— Cheguei! — disse-lhe, num tom que foi mais alto do que pretendia, no meio da minha respiração ofegante por ter vindo a andar rapidamente.

— Até que enfim uma cara conhecida! Já viste a quantidade de gente que tem a nossa turma?! Vai ser terrível para decorarmos o nome de toda a gente, temos de tentar ficar sentadas juntas!

— Claro! Nem pensar que me sento com alguém desconhecido — digo, e o meu olhar prende-se num rapaz alto que está sozinho com uns fones nos ouvidos, um pouco mais recuado do que toda a gente. O cabelo ondulado cor de mel quase que lhe cobre a cara, bate o pé ao ritmo que imagino que seja o da música que está a ouvir, e fico intrigada sobre qual será. Parece estar tão nervoso quanto eu, e acho isso adorável, não me parece ser como os outros rapazes da turma que já estão a fazer grupinhos e a «mandarem» piadas parvas sobre tudo o que se passa ao seu redor.

— Dizem que a *prof* desta disciplina é muito alternativa. — A voz da Ana arranca-me da minha observação do rapaz misterioso.

— Alternativa como?

— Dizem que dá aulas divertidas, diferentes do habitual, mas bem, parece que vamos descobrir, acho que está a chegar! Foi uma sorte ela se ter atrasado mais do que tu.

Rimo-nos, e nisto aparece uma senhora na casa dos cinquenta anos, com umas calças verdes e uma camisola branca, com um *smile* gigante a sorrir estampado nela. *Isto vai ser interessante!*, penso eu. Vai dizendo «Bom-dia» à medida que passa por todos e abre a porta da sala.

— Ninguém se senta até eu vos mandar — declara a professora.

Eu e a Ana entreolhamo-nos, sinto um terror interior aumentar, com medo de não conseguir ficar junto dela.

— O meu nome é Celeste e serei a vossa professora de Matemática neste ano. Quero desejar-vos um excelente ano letivo, e que esta nova fase das vossas vidas seja repleta de sucessos. Alerto que não se podem sentar à vossa vontade, porque sou eu que vou decidir quem se senta com quem; aproveito e faço a chamada.

A professora Celeste começa então a fazer a chamada e a sentar os primeiros alunos por ordem alfabética. Reparo que o rapaz mistério também parece bastante nervoso, sendo que está quase escondido no fundo da sala, e as suas mãos não param quietas.

— Bernardo? — chama a professora.

O rapaz misterioso atravessa a sala toda, sussurrando um breve «Presente» e senta-se onde a professora indica; reparo que nem olha para ela, como se tivesse medo dos olhares que recaem sobre ele. A chamada continua e, à medida que a letra «M» se aproxima, o pânico cresce dentro de mim.

— Madalena? Pode sentar-se aqui — diz a professora, indicando o lugar ao lado do Bernardo. *Bestial!*, penso.

Vou sentar-me logo ao lado do rapaz para quem nem ainda há quinze minutos estive a olhar fixamente. Caminho para o meu lugar com uma postura que tento que pareça confiante e observo o meu companheiro de mesa.

— Olá! — digo-lhe.

Os olhos mais azuis que já vi na vida olham diretamente para mim e, de repente, olham novamente para a frente. O Bernardo não profere uma única palavra. *Isto vai ser interessante!*, penso para mim.

Viro-me para a frente e vejo aos poucos a turma a ficar toda sentada.

A professora Celeste, toda satisfeita pelos duos que fez, diz:

— Vamos então à minha parte favorita do ano? Deduzo que não conheçam a pessoa que vos calhou como colega do lado, correto? — Todos acenam.

— Pois bem, nos próximos quinze minutos vão apresentar-se; vamos lá começar o ano a quebrar o gelo, juventude! 3, 2, 1!

Viro-me para o lado de forma a encarar o Bernardo, e ele continua a olhar para a frente.

— Hum, vamos fazer isto? — pergunto.

Ele olha para mim da forma mais desinteressada possível.

— Vai ter de ser, não é?

— Pois, acho que sim... — O silêncio é de cortar à faca. — Bem, eu chamo-me Madalena, mas toda a gente me trata por Mada, vivo aqui em Gaia, e os meus passatempos favoritos são ler e ver séries. E tu? — Sorrio.

— Eu sou o Bernardo, sou de Espinho. Gosto de ouvir música. Parece que acabámos.

Volta a virar-se para a frente e eu fico boquiaberta com o seu mau humor.

— Que músicas gostas de ouvir? — insisto.

Sinto que ele me odeia por o estar a obrigar a continuar a conversa.

— Nada em particular.

— Eu gosto muito de ouvir Pearl Jam. — Isto capta a atenção dele.

— Não me pareces o tipo de rapariga que ouve bandas dessas.

Sinto-me ofendida, «tipo de rapariga»?!

— O que queres dizer com isso?

— Apenas que pareces mais o estilo de rapariga que ouve Justin Bieber aos berros no duche. Tipo, és toda menininha.

Olho para a forma como vim vestida hoje, estou com umas calças de ganga tipo *mom fit*, uma blusa rendada preta e uns ténis, não tenho praticamente maquilhagem na cara, apenas um pouco de *blush* e *rímel*.

— Apesar de não ter sido essa a intenção, agradeço muito que me estejas a elogiar, mas tenho a informar-te que as meninhas também ouvem *rock*.

Ele ri-se e vira-se para a frente. A aula prosseguiu, e o Bernardo não tornou a abrir a boca; os meus pais iriam ficar satisfeitos em saber que nesta aula eu iria estar sempre concentrada. Mal a campainha toca, ele sai e mete os fones novamente nos ouvidos.

A Ana veio logo ter comigo.

— Que tal o teu colega? É bem giro, ele! Tiveste sorte na dupla!

Sorte...

— Amiga, tem tanto de giro como de parvo. Quando falou, foi de má vontade.

— A sério? Isso é foleiro. Olha, a mim calhou-me uma rapariga chamada Irina, supersimpática, felizmente. A ver se, antes de entrarmos para a próxima aula, vos apresento!

Isto entusiasma-me.

Nas aulas seguintes, apesar de não ter de me sentar junto do Bernardo, não deixo de olhar para ele e dou por mim a questionar-me como seria possível alguém estar sempre com a cara tão «fechada».

No fim do dia, após o toque da campainha, os nossos olhares cruzam-se; julgo que ele irá desviar o olhar, mas não o faz. Qual é o problema dele? Aceno-lhe, e ele vai embora.

Vamos ter um ano animado...

PRESENTE



Saio da casa de banho com os olhos inchados de ter estado a chorar. O Bernardo está sentado no sofá a jogar *Playstation* como se não tivesse acabado de me empurrar contra o frigorífico, porque lhe disse que estava a pensar em ir a um convívio da faculdade com umas amigas minhas do curso.

Quando se apercebe da minha presença, diz a palavra que mais tem preferido nos últimos tempos:

— Desculpa! Desculpa, Madalena — profere, levantando-se e envolvendo-me num abraço apertado, um abraço no qual encontro medo e conforto ao mesmo tempo. Não devia deixar que me tocasse, mas não consigo não o fazer.

— Isto tem de parar. — Olho-o nos olhos. Encontro arrependimento neles, sei que o pedido de desculpa que me fez é sincero, mas também sei que não vai ser o último.

Ele acaba por se afastar e volta a sentar-se no sofá, indicando que me sente ao lado dele.

— Sei que foi errado empurrar-te, mas tenho medo, Mada. E se, numa dessas saídas, conheces alguém? E se te embebedas e não és capaz de recusar as investidas dos tarados que andam por esta universidade? Não vês que pode ser perigoso para ti, para nós?

— Tu não confias em mim, Bernardo. Achas sinceramente que era capaz de deixar que alguém se aproximasse de mim? Se não o fiz nos últimos meses, porque haveria de o fazer agora? Ou, então, porque não vens comigo? Porque não fazemos algo diferente de estarmos constantemente enfiados na casa um do outro?

Raios, não devia ter dito isto! O medo de que ele encare isto como uma provocação assola-me, mas a verdade é que não tinha dito mentira nenhuma, desde que viemos para Coimbra que nos fomos isolando, o facto de termos vindo para uma cidade completamente diferente e de não conhecermos ninguém boicotou a nossa vida social, e nem os milhentos convívios que existem na vida universitária de cá ajudaram a mudar isso. O Bernardo preferia viver numa ilha e tinha-me isolado a mim também.

Nos últimos tempos, a minha vontade de aproveitar mais as tradições académicas tinha aumentado, o facto de os anos de curso irem passando e de eu não os estar a aproveitar ao máximo estava a mexer comigo. Para além de que, finalmente, sentia que tinha feito boas amigas aqui, e elas estavam constantemente a tentar «puxar-me» para outros programas que não estar sempre com o meu namorado.

— Não quero ir a essas coisas. Por que motivo não te chega estares aqui comigo?

Não consigo evitar o bufar que me sai dos lábios e levanto-me.

— Acho que não adianta continuarmos esta conversa. Vou para minha casa, para ainda tentar falar com os meus avós. Falamos amanhã.

Dou por mim a pensar que é nestas alturas que agradeço não termos ficado a viver juntos quando viemos para cá estudar, apesar de passarmos a vida na casa um do outro. Ajudava ter um local onde me podia refugiar quando as coisas não estavam tão bem entre nós. Paramos junto da porta do apartamento dele, e ele pega na minha cara com as duas mãos:

— Eu amo-te, OK? Por favor, não duvides disso. É por te amar tanto que te tento proteger. — De seguida, dá-me um breve beijo nos lábios.

Aceno que sim e saio.

Respiro fundo quando chego à rua e vejo os montes de folhas secas a cobrirem o chão da Praça da República; o movimento de estudantes já é enorme, não estivéssemos nós no início de um novo ano letivo. Ao longe, consigo ouvir «cânticos de cursos» a descerem a Rua Padre António Vieira e vejo caloiros amedrontados a serem alvo das primeiras praxes. Invejo-os neste momento, porque não experienciei praticamente nada daquilo.

Quando chego à Portagem, apanho o autocarro para minha casa e coloco os fones nos ouvidos. Os meus pais tinham um apartamento em Coimbra desde que estudaram cá, arrendavam-no a estudantes de forma a rentabilizá-lo e nunca mo disseram, mas acho que o estavam a guardar para mim, no caso de eu um dia também decidir vir para cá estudar. Tenho a certeza de que, se fossem vivos, me iriam «dar muito na cabeça» por não aproveitar esta cidade como deve ser.

Mal entro em casa, ligo à minha avó. Foram os meus avós maternos que ficaram comigo quando os meus pais morreram.

— Como está a minha neta preferida? — diz a minha avó mal atende.

— Não tens outra, como não hei de ser a preferida? — brinco.

— Lá isso é verdade. Como foi o dia? — Esta é a parte em que lhe minto. Nunca contei aos meus avós os problemas que tenho tido com o Bernardo, não os quero preocupar.

— Bem, já sabes, ando já a meter a matéria em dia.

— Madalena, isso faz-te mal, não podes estar sempre a estudar. Tu e o Bernardo já têm alguma saída combinada com amigos? A Latada não está quase aí à porta?

— Está, avó. Ainda não temos nada combinado, mas estamos a tratar disso.

Acho que, se ela imaginasse o quão monótona era a nossa vida, se mudaria para cá, para me obrigar a viver. Tanto ela quanto o meu avô eram das pessoas mais ativas que conhecia; as mortes dos meus pais podiam-nos ter deixado em baixo, mas nunca perderam a vontade de viver. Tinham incutido esses valores à minha mãe, não seria com a morte dela que o iriam deixar de fazer.

A conversa continua, e sinto saudades deles durante todos os minutos. Quando desligo, vou tomar um duche e preparo-me para assistir a uma maratona da série *Anatomia de Grey*.

As noites são as partes mais difíceis do dia; quando aqui estou sozinha, fica difícil não sentir pena de mim mesma, do estado a que deixei as coisas chegar.

As mensagens do Bernardo caem persistentemente, vejo o ecrã do telemóvel ao meu lado a iluminar-se vezes sem fim. Consigo ver no ecrã o conteúdo delas.

Amo-te

Desculpa

Estás chateada?

Mada, responde

Não me faças isto.

De repente, o telemóvel toca, e vejo o nome da Bia a iluminar o ecrã; apesar de não querer falar com ninguém, atendo.

— Que queres tu a estas horas? — digo.

— Amiga! Como assim?! Atendeste?! Não estava à espera, mas bem, antes de tudo, como correu a tarde com a seca do teu namorado? — A Bia não suporta o Bernardo desde que nos conhecemos, no nosso ano de caloiras. Era a típica amiga que queria que aproveitássemos a vida e fartava-se de me dizer que achava um sufoco a vida que eu levava.

— Correu bem — tento dizer isto da forma mais alegre que consigo.

— Imagino... jogou *Playstation* a tarde toda, não foi? — *Quem me dera!*, penso.

— Ligaste-me só para falar mal do Bernardo?

— Não! Liguei-te para te informar que estás obrigada a ir comigo na próxima quinta ao Mega Químicas! Livraste-te hoje, mas quinta, não!

— Nem penses!

— Mada, não há alternativa, quero estar com aquele doutor do Polo 2 e preciso que vás para avaliares a peça, por *favooor!* Até podes levar o cepo do Bernardo.

Não sei o que era pior: ela achar que me conseguia convencer ou achar que ia conseguir convencer o Bernardo.

— Prometo que vou ponderar a tua proposta.

— Não há nada a ponderar, Mada. Na quinta, vais comigo ao Mega Químicas, e juro que te vou buscar a casa se for preciso!

— Vê se vais descansar, amanhã temos aulas!

— Estou a ir para casa, mas, sim, quando chegar, vou dormir. Adoro-te, *Madaaaaa*, vamos arrasar na quinta!

Antes que pudesse dizer mais alguma coisa, ela tinha desligado.

PASSADO



O 10.º ano trouxe uma adrenalina à minha vida com a qual eu não contava. O tempo estava a passar a correr e, em menos de nada, já estávamos em plena altura de avaliações. Felizmente, Matemática era a única disciplina em que tinha sido obrigada a sentar-me junto do Bernardo, que continuava a ser a pessoa mais estranha que jamais tinha conhecido em toda a minha vida.

As nossas interações eram praticamente nulas durante as aulas e, fora delas, pior. Apesar de o continuar a apanhar a olhar para mim, e vice-versa, não passava disso; quando tinha oportunidade de falar comigo, nada. Achava estranho como é que ele podia ser tão diferente de todos os outros rapazes que via pela escola, que eram tão extrovertidos, enquanto ele estava sempre a um canto, a ouvir música. Ocasionalmente, via-o com um outro rapaz da nossa turma, mas era só, e isso inquietava-me.

Certo dia, estava eu a meio do intervalo da manhã com a Ana, quando alguém me toca no ombro. Antes de me virar, olhei para a cara dela e notei o espanto na sua expressão.

— Olá, deixaste isto caído junto da nossa mesa. — Era o Bernardo, com um elástico meu na mão. Afinal, ele sabia falar e, por estranho que pareça, quando ele usou o termo «nossa», algo quente se remexeu na minha barriga.

— Oh, não me apercebi! Obrigada, estou sempre a perdê-los. — Não consigo evitar olhar fixamente para a sua cara. Apesar de já nos sentarmos lado a lado há meses, é raro tê-lo assim de frente para mim. E, porra, ele é lindo. O cabelo dele à luz do sol parece ainda mais dourado do que é costume, e os seus olhos ainda mais azuis.

— Bem, vou andando para ao pé da próxima sala, até já.

— Espera! Porque não ficas connosco durante o resto do intervalo e vamos juntos depois para lá? — *Que raio estou eu a fazer?* A Ana olha para mim com um ar de completa incredulidade, a perguntar-me exatamente o mesmo.

Acho que ele está tão espantado quanto eu com o que acabou de me sair da boca, mas responde:

— *OK*, acho eu. — E senta-se, tirando de seguida os fones dos bolsos e voltando a colocá-los nos ouvidos. *Ele acabou de se sentar ao pé de nós para estar a ouvir música?*

Aquilo irrita-me, bato-lhe no braço, chamando-o.

— Não achas que este é o momento ideal para confraternizares com seres humanos reais? O que raio tanto ouves tu?

Estou em brasa, tiro-lhe um dos fones dos ouvidos e enfio-o na minha orelha. Preparo-me para ouvir o som de uma música de *rock* aos berros e aquilo que ouço é nada, rigorosamente nada.

— Passas os teus dias a fingir que ouves música?

A Ana olha para mim como que a mandar-me calar, mas eu continuo.

— Porque fazes isso?

O Bernardo parece-me um bocado chocado com a minha reação e, quando eu acho que ele se vai levantar e ir embora, diz:

— Porque, às vezes, o silêncio é o nosso melhor amigo. — A forma como o diz faz com que me arrependa automaticamente de ter aberto a boca.

Levanta-se e vai-se embora.

— Não achas que abusaste um bocado agora? — A Ana olha para o Bernardo a afastar-se e está com um olhar de tanta pena, que começo a sentir-me a pior pessoa do mundo.

— Desculpa, *OK*? Mas ele é tão estranho! Já viste o quão solitário ele é?

— Mada, não é a mim que devias estar a pedir desculpa. Deixaste-o numa posição mesmo desconfortável agora.

— Vou atrás dele.

Desato a correr atrás do Bernardo e encontro-o à entrada do bloco onde íamos ter aula. Agarro-lhe um braço, e ele afrouxa.

— O que queres agora? — Noto nos olhos dele que está incomodado com a minha presença.

— Queria pedir-te desculpa, abusei há pouco.

— Pois abusaste. Não me conheces, *OK*?

— É exatamente por isso, gostava de te conhecer. Vejo a forma como

vagueias por aí sozinho e faz-me impressão, não tem de ser assim. Gostava muito que me deixasses passar mais tempo contigo.

— Não preciso da tua pena, Madalena. — A forma como diz o meu nome faz-me estremecer. É a primeira vez que o diz e parece-me que nunca o pronunciaram de forma tão intensa.

— Não é, é interesse, ou achas que não percebi que fazes os exercícios de Matemática com a maior facilidade deste mundo? — Rio-me, estou à espera de que ele me mande ir dar uma volta, mas ele também se ri. Uau! Ele está mesmo a soltar gargalhadas, o seu sorriso é terno e envergonhado, noto que ele não o queria estar a fazer, mas não conseguiu evitar.

— És sempre assim tão engraçadinha?

— Quase sempre, mas isso terás de comprovar por ti! — Pisco-lhe o olho e encaminhamo-nos para a sala. Continuamos a falar pelo caminho; quando a Ana nos vê, leio-lhe o choque na cara. Saca de imediato o telemóvel, e o meu vibra no bolso.

O QUE RAIO ACONTECEU NESTES 10 MINUTOS QUE EU PERDI?? ☹

As maiúsculas coincidem com o que lhe vai na cara e isso dá-me vontade de rir. Olho para ela e encolho os ombros, no mais sentido «não sei» que alguma vez tive de fazer.

Nesse dia, saía das aulas às dezoito horas e trinta minutos. Foi a minha mãe a ir buscar-me. Ela era, sem dúvida, a mulher mais bonita que alguma vez tinha visto, os cabelos pretos compridos e a pele branca davam-lhe uma aparência de Branca de Neve da vida real e, para tirar partido disso, usava sempre os lábios pintados de vermelho-escuro.

— Como correram as aulas hoje, filhota? — pergunta-me mal entro no carro, com um grande sorriso nos lábios.

— Bem, mamã, e as consultas?

— Também! O teu pai avisou-te de que hoje vamos jantar a casa dos avós?

— Não! Diz-me que vai ser bacalhau à Brás! — Só de pensar, fico de água na boca.

— Acho que sim, já sabes que a tua avó quer sempre fazer-te esses mimos.

Amava os meus avós. Só tinha aqueles avós, porque os pais do meu pai já tinham falecido, nunca cheguei sequer a conhecê-los. Mas os meus avós maternos tratavam o meu pai como um verdadeiro filho. Éramos uma família muito unida, e tinha muito orgulho nisso.

De repente, na rádio começa a passar a *Call Me Maybe*, da Carley Rae Jepsen; subo o volume e começo a cantar.

— Alguém vem muito bem-disposta — diz a minha mãe, sorrindo.

— Hoje, o dia correu bem! Descobri que o silêncio, às vezes, é o nosso melhor amigo.

— Explica lá isso!

Olho para a minha mãe e faço um sinal de «shhh» encostando o dedo à boca, depois fito a janela, sorrindo.

A partir desse dia, as aulas de Matemática custaram muito menos a passar.